

RELATÓRIO Nº 02/78

Do CH PI Palikur

Ao Delegado Regional-Funai-Belém

Assunto: Trabalho realizado no período entre 76 e 78(apresenta)

Sr. Delegado

Moveu-nos a escrever e apresentar este Relatório não o engrandecimento pessoal. Sentimento oposto à nossa índole e propósitos. Porém, movido por duas razões principais: a primeira, oferecer à 2ª DR um relance a visão do que realmente está acontecendo no PI Urucuá, no que toca ao desenvolvimento geral dos índios Palikur a partir de 1976 até 1978; segundo, submeter a julgamento objetivo se valeu ou não a pena dar aos índios do Urucuá um CH PI.

1. PRIMEIRAS EXPRESSÕES

Dia 05/04/78 completaram 2 anos a partir da nossa chegada ao PI Palikur. De Oiapoque ao Incrusco um barco de D. Eunice Sfair nos transportou. Do Incrusco ao PI Palikur foi o Sr. Milton Gomes quem nos trouxe. Conosco vieram, além de toda a nossa bagagem, um razoável estoque de medicamentos. Ninguém encontramos no PI Palikur, a não ser os índios. Os dois funcionários lotados neste PI, Francisco Correia, Atendente e Maria José Gomes Quental, professora, recencheegados de férias, estavam ausentes. Tinham voltado a Oiapoque a serviço do PI. Fomos recebidos pela Comunidade Palikur. Tendo partido o Sr. Milton Gomes, logo constatamos que estávamos privado de qualquer embarcação, mesmo uma canoa, de propriedade do PI. Não nos tinha sido entregue nem um vintém, a não ser os Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) destinados à despesa de viagem. Encontramos a casa-Sede em más condições de limpeza, em parte cercada de denso matagal, indicando longa ausência do pessoal do PI.

O poço, aberto graças aos esforços do Atendente com a colaboração dos índios, achava-se abandonado, cercado e entulhado de mato.

O galinheiro dava sinal de antigo abandono e estava privado de portas, como porta com ferrolho e dormitório das galinhas.

O mucuim tinha invadido todos os cômodos da casa, transformando os primeiros pernoites em verdadeira agonia.

MI-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2^a DELEGACIA REGIONAL.

A formiga de fogo tinha feito seu habitat nas cercanias à debaixo da casa. Baratas, escorpiões e jararacas viviam pacificamente, repartindo um lugar em cada canto e nos orifícios dos tijolos amontoados à beira da casa.

O cupim descobrira seu alimento predileto nas tábuas com que tinha sido levantadas as paredes e o soalho da Enfermaria Sede.

Não fosse estarmos acostumado à vida no interior e termos encontrado um resto de DDT na Sede e trazido, entre nossos pertences, um pouco de BHC e um / pequeno pulverizador, teríamos desistido de permanecer naquele suplício. Assim mesmo considerámo-nos ainda afortunados. Tínhamos uma casa a limpar. PIOR situação foi daqueles que tiveram de fazer uma casa para morar.

Gostaríamos de ressaltar que, nesta aventura, tínhamos como companhia nossa jovem esposa, gestante há três meses. A ela devemos, em grande parte, o êxito na luta contra a natureza agressiva aqui encontrada.

De outro lado, o carinho, a gentileza, a hospitalidade do índio Palikur constituíram um conforto bastante animador.

2. PRIMEIRAS PROVIMENTOS

A.-DE ORDEM MATERIAL

I-Limpeza da casa-pulverização-combate à formiga de fogo e ao cupim.

II Limpeza do poço e do pátio- combate aos insetos venenosos.

III-Reparos no galinheiro

IV-Construção de uma horta, toda fechada de lascas de jarras com o fim de evitar a invasão de porcos, gado e galinhas.

V-Desmatamento da cabeceira da pista, atendendo ao que nos recomendara // Cel. Antônio Augusto Nogueira, então Delegado Regional da Funai em Belém.

B-DE ORDEM SOCIAL

I-Encontro com os LÍDERES: Paulo Orlando Filho, Moisés Iaparrá, Leon Orlando, José Correia, Floriano Yoyô, Manuel Antônio e João Batista.

II- Duas reuniões para discutir os problemas, planejar os trabalhos mais / urgentes e requerer à 2^a DR os instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento Palikur.

III- Problemas mais urgentes:-o gado na Vila, cerca aberta
-saúde do povo: verminose, malária, gripe.

IV- Trabalhos mais urgentes:-conserto da cerca
-retirada do gado e dos porcos
-desmatamento da vila
-combate à malária e à verminose, antes de tudo, pela conscientização dos meios preventivos.

MI-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2ª DELEGACIA REGIONAL

V- Necessidades mais sentidas:

- Sede do PI
- Prédio escolar
- Radiofonia
- Barco-motor
- Geladeira
- Energia elétrica para escola noturna para adultos
- Casa de farinha motorizada
- Sementes de milho e arroz
- Inseticidas
- Pequena serraria para tábuas destinadas ao fechamento e soalhos das casas de morada.

C- RELATÓRIOS

Em três Relatórios fizemos a 2ª DR ciente do que se passava no PI Palikur no correr do ano de 1976, além de abundante expediente. Embora com bastante morosidade, quase todas as requisições dos índios foram atendidas. Hoje já possuímos um barco-motor e uma geladeira. Embora ainda não funcionando, já se encontra no PI Palikur um conjugado, um caietetu motorizado, uma mini-serraria com motor elétrico de 20 HP.

Já se encontra em construção avançada uma casa Sede, uma pequena casa de farinha e um poço, no qual será instalada uma bomba motorizada.

3. ACRÉSCIMOS AO PI PALIKUR

I- Nesses dois anos, além dos trabalhos já citados, tivemos oportunidade de oferecer aos funcionários um depósito de material e uma cozinha, ligados à Enfermaria-Sede.

II- Com instrumentos e material de uso pessoal pudemos concluir uma instalação hidráulica para o banheiro, torneiras e lavatórios ligados à rede pluvial, a partir da observação sobre a abundância de chuva na região.

III- Na impossibilidade de conseguir pela Fuhai uma bomba manual, a adquirimos com nossos próprios meios.

IV- Tendo recebido da 2ª DR cinco bolas de arame, mandamos tirar 200 estacas de madeira de lei e pessoalmente o esticamos em redor da Enfermaria-Sede. Dessa maneira, defendemos as adjacências da casa da aproximação do gado. Pudemos também cercar uma área destinada a uma roça, onde plantamos milho, arroz, cana, mandioca, 120 pés de bananas e 100 mudas de abacaxis. Aproveitamo-la também para fazer uma sementeira de cajim.

MI-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2ª DELEGACIA REGIONAL

- V- Com autorização concluímos a aquisição de uma ubá de pequeno porte destinado a viagens e transporte de carga.
- VI- Com a ajuda de Dr. João Paulo Botelho, através de dois projetos que elaboramos, a saber, de Agricultura e de Saneamento, conseguimos ferramentas e material para uma grande roça comunitária em 78, encanamento d'água e construção de pisos de cimento para sanitários. Acrescentamos que para a Agricultura ainda dispomos de inseticidas e de um pulverizador.
- VII- Tendo percebido o interesse do índio pela pecuária, a facilidade / como cresce a vegetação útil à ração animal e o aspecto saudável da criação aqui existente, partimos para o incentivo ao plantio de pastagens. Adquirimos mudas de capim braquiara e sementes de jaraquá,/ colonião e sempre-verde em Belém. Com a colaboração do Sumner esta semente e as mudas chegaram ao PI Palikur por via aérea. Pessoalmente fomos semear nas roças de quem solicitava tais sementes. Esperamos que dentro de pouco tempo (2 ou 3 anos) terímos pastagem suficiente para iniciar uma pequena criação de gado. Será uma base para a alimentação do gado no inverno, pois no verão a pastagem do campo seco ajudaria muito.

4. TRABALHO PERMANENTE

Além do trabalho burocrático, confiado à responsabilidade do CH PI, tivemos ainda a defesa permanente da casa contra o pernilongo, o cupim, o mucusim, a barata, a formiga de fogo e outros insetos venenosos, como o escorpião, o piolho-de-cobra, a aranha caranguijeira, etc. Com afastar o mato, a cobra se tornou menos encontradiza.

Tendo encontrado um PI sem braçal, sem motorista e inicialmente sem verba, tivemos que nos rebolar para vencer essa verdadeira guerra. Quando do recebemos o primeiro Suprimento, os índios, já bem motivados, partiam para as roças.

De junho de 1976 em diante, tivemos a companhia de um quase septuagenário, o Sr. Sebastião Teodoro da Cruz, enviado ao PI como braçal. Para não ser deshumano, tivemos que aceitar suas limitações no serviço- 2 a 3 horas por dia- às vezes faltando semana inteira. "Trabalho de menino é pouco, porém quem perde é um louco." Ficou até novembro de 1977. Saiu por motivo de saúde.

Se quisessemos algum serviço de maior vulto teríamos de, ou fazer pessoalmente, com prejuízo muitas vezes de nosso trabalho de ofício, ou esperar que algum índio desocupasse de seus afazeres agrícolas para dar uma ajuda no PI. Nessa agonia ficamos de junho de 76 a fevereiro de 1977,

MF-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

2ª DELEGACIA REGIONAL

Surgiram então vários desocupados da roça à procura de serviço. Aproveitamo-los para dar um maior impulso aos trabalhos iniciados.

A horta, à custa de muito esforço nosso, sempre ofereceu aos funcionários algum produto. Quando o tempo o permitia, abundante. Para os índios foi motivo de admiração aquela pequena "roça" a produzir folhas comestíveis por eles pouco apreciadas. Não deixa de ser porém um primeiro passo para uma mudança no dardápio indígena.

Tributo

Aqui achamos conveniente lembrar que toda a ajuda recebida da 2ª DR, através de Suprimentos para Serviço de Terceiros, não passa da quantia de: Cr\$ 8.534,00 (Oito mil, quinhentos e trinta e quatro cruzeiros). Queremos ressaltar que esta quantia foi recebida no período que vai entre maio de 1976 a fevereiro de 1978, em oito Suprimentos.

5. CRISES

Foram em 3 escalas diferentes as crises defrontadas por nós no PI Palikur, a partir de 05/04/76. Felizmente fomos bem sucedidos no esforço para superá-las.

Trata-se de crise: RELIGIOSA

POLÍTICA

ECONÔMICA

I- CRISE RELIGIOSA

Kelipia

Ainda em Belém fomos informado: a Comunidade Palikur é toda Crente. Pouco depois de nossa chegada, constatamos os diversos / aspectos da situação religiosa Palikur.

Trabalhados por longa, mas intermitente catequização católica, os índios dessa região, inclusive os Palikur, já batizavam seus filhos no catolicismo e, até mesmo, se casavam na Igreja.

Acontece, porém, que o índio Paulo Orlando Filho, dotado de idealismo e desejo de reunir seu povo e debelar males da ordem social, até mesmo certa facilidade em perpetrar crimes de morte, deixou-se embalar pela oportunidade oferecida por três pregadores da Crença Pentecostal ou da Assembleia de Deus. Nisto foi bem sucedido. Sob o impulso desse ideal, contaminou quase todos os índios Palikur, com exceção da Comunidade do Flexa que continua Católica. Em breve, Paulo, não só assumiu a direção da nova Assembleia indígena, como conquistou a liderança de um verdadeiro Cacique, estabelecendo dessa maneira um Governo à moda Teocrática.

Paulo

Dotado de uma palavra fácil, inteligência brilhante e suficiente determinação, o Cacique-Ministro tirou proveito do que aprendera, relativo a leitura, na escola do Kuripi, no sentido de formar uma Comunidade de

de Crentes, onde todos fossem realmente irmãos. Como ponto de partida tentou abolir todos os obstáculos à paz, como a poligamia, a bebida alcoólica, as festas, o uso do tabaco, etc. No afã de formar uma espécie de gueto todo consagrado ao serviço de Deus, muitos optaram, durante algum tempo, // pela abolição do esporte, tido como ocasião de faltas de caridade contra os irmãos. Houve certas restrições ao trabalho como gesto de confiança no Criador que "veste os lírios do campo e alimenta os passarinhos do céu sem que fiem ou trabalhem." Além de outras causas ou fatores, como as chuvas frequentes durante quase três anos seguidos(68,69,70), também por essa o serviço das roças caiu muito de produção.

Nesta oportunidade foram quebrados, queimados e relegados ao esquecimento todos os "ídolos" do pecado, isto é, todos os instrumentos ligados ao vício, como os potes de caxixi, instrumentos do Turé, etc.

Foi, sem dúvida, uma época de grande fraternidade, de muita paz. O trabalho coletivo foi mais voltado à construção da Vila Kumené ou Vila Salvador. Como resultado desse esforço existem ainda algumas casas bem construídas de tabuas e cobertas de cavaco. O plano de construir todas as casas da vila fracassou em breve, face a falta de lealdade e colaboração dos primeiros beneficiados pelo trabalho comunitário. Hessa época valeu bastante a presença do representante do Sumner, coibindo as falsas interpretações da Bíblia e apresentando em língua Palikur os litros sagrados que valorizam o trabalho. A Funai, pelo seu representante na região, o CH PI UAGÁ, via com bons olhos a atividade do Cacique-Crente, pelo fato de que ter conseguido mudar, em tão pouco tempo, índios tão belicosos em gênios pacíficos e acolhedores.

Entretanto, quando menos os índios esperavam, surgiu uma situação nova e inquietante. O mesmo que dirigia a nova crença, pregava a nova ordem moral e a paz, se deixava contaminar e passava para o lado dos "imundos". A Comunidade fiel à crença o acusava de amores clandestinos e de abuso na administração dos bens da Igreja. Em pouco tempo arrefeceu-se a sua liderança e se esfriou a obediência dos súditos. Um clima de desconfiança alastrou-se por toda a vila. Quase ninguém mais acreditava na palavra daquele que fora o grande Cacique-Ministro. Diante do peso da opinião coletiva ele entendeu que devia afastar-se da pregação e da sua Igreja.

II-CRISE POLÍTICA

Quando assumimos o PI Palikur, em abril de 1976, Paulo Orlando Filho, já havia sido destituído pela Comunidade de seu Posto de Ministro e da Administração dos bens da Igreja local.

Outro o havia substituído. Koisés Iaparra é o seu nome. Homem pacato, silencioso, porém bastante responsável e merecedor de mais confiança. Este fato, à primeira vista, significava para o Palikur a perda da liderança total do Paulo Orlando Filho. Durante algum tempo pairou uma séria dúvida sobre a possibilidade de Paulo Orlando assumir qualquer posto de mando na Comunidade Palikur. Entretanto, grande parte da Comunidade, sobretudo os jovens, não muito ligados à religião, simpatizavam pelas qualidades de liderança inerentes à sua personalidade. Acresce que a Funai de muito tempo o tinha como verdadeiro e único Cacique do povo Palikur.

Liderança
Fale
celibato
caso

Estribado nesses valores, procurava atribuir-lhe uma autoridade no plano civil e político, chamando-o de cacique e lhe confiando funções de mando na Comunidade. Era uma primeira tentativa de reabilitá-lo. Era tamanha a sua frustração que já falava em se afastar para Caiena. Certa feita veio aflito dizer-nos: "ninguém mais quer obedecer-me". Quando o percebermos realmente preocupado com o problema, procuraria dar-lhe a mão e mostrar-lhe os meios necessários para superar o impasse. Com persistente paciência assistimos o novo crescimento da liderança do Paulo. Voltou-lhe ânimo quando, em 1976, conseguiu organizar os índios no trabalho das roças. Foi feliz ao aproveitar o prestígio do índio Manuel Antônio para organizar os "convividos". De junho de 76 a fevereiro de 1977 funcionaram os convidados ininterruptamente: broca, derriba, plantio, limpeza. Havia muitos anos não mais tinham feito tão grandes roças. Houve quem as fizesse de uma quadra. Para surpresa de todos o Paulo foi um deles. Hoje estão colhendo com abundância a mandioca e transformando-a em farinha.

Ainda não estava totalmente conquistada a posição ideal de liderança. Um acontecimento veio propiciá-lo bastante. Com o afastamento do representante do Summer arrefeceram-se muito as práticas religiosas, dando margem a francas atividades de caráter social e cultural.

Tendo reconstruído sua casa, a título de colaboração e de fácil controle de possíveis abusos, ofereceu-a como sala de festas dançantes quase todo fim de semana. Por incentivo do mesmo, voltam as festas culturais Palikur, como o Turé, a festa do Tambor, etc. e delas participa. For último enfrenta a organização da Cooperativa. Nisto teve algum êxito. Foi eleito Secretário Administrativo. Hoje mais da metade da Comunidade já acredita de novo no Paulo

MI-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2º DELEGACIA REGIONAL

8

Ainda marcada por um passado bem recente a outra parte mantém-se bastante reservada quanto à sinceridade do Cacique. Entretanto, para ajudá-lo aproveitamos o melhor momento para, juntamente com ele, declarar oficialmente as lideranças das diversas comunidades Palikur, subordinadas ao Cacique Geral. Ficou também oficializado o Conselho do Cacique. Cada elemento do Conselho se encarrega de setores inerentes à atividade do Cacique, como religião bohs costumes, trabalho, agricultura, arte indígena, esportes, diversões, saúde, educação, comunicações, urbanismo e saneamento. Dessa maneira conseguimos evidenciar toda a importância do Cacique para a comunidade e facilitar-lhe a execução dos diversos programas e trabalhos, sem prejuízo para os interesses particulares. O efeito foi imediato. No dia seguinte o Cacique, auxiliado pelos conselheiros encarregados do urbanismo e saneamento, reuniu 57 homens para limpeza completa da vila. Dois dias depois surgiu uma avenida central / limpa à enxada. Logo depois limpeza ao redor de todas as casas ^stambém à enxada. Porém isto não significa vitória definitiva em favor do Cacique. Resta ainda longo caminho a percorrer.

IVI- CRISE ECONÔMICA

Encontramos o índio Palikur em fase de verdadeira penúria, próximo à indigência. Sem produção, sem dinheiro, sem transporte, longe do comércio, atravessando a falta de peixes, todo espalhado pela imensidão do campo alagadiço. Nossa chegada iluminou-lhes os olhos e confortou-lhes a alma na esperança de encontrar no representante da Funai tudo o que lhes estava faltando, até mesmo a roupa e o alimento. Mal sabiam eles que, além de um bom estoque de medicamentos, nós trazíamos apenas muita boa vontade e disposição / para trabalhar. De início percebemos que nem o dinheiro tinha grande valor, pois pouco ou nada podiam adquirir de imediato.

A produção da farinha, seu principal e quase exclusivo produto, era escassa. O grande fervor religioso, carente de uma direção esclarecida, tinha-se aliado a pouca preocupação econômica. Esperavam e conseguiam alguma coisa da parte do Summer, representado pelo Sr. Harold Grenn. Além de confortá-los com a palavra de Deus, oferecia-lhes algum serviço lucrativo, medicamentos e lhes facilitava a aquisição de alguns bens diretamente de Belém, através de táxi aéreo ou de barcos.

Persistente malária(em outubro de 76 houve 60 casos) e a gripe(71 casos graves em outubro de 76) às vezes prendiam ao leito simultaneamente grande parte da população, impedindo-a de procurar o próprio sustento..

Sande

MI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2º DELEGACIA REGIONAL

Até junho de 76, dias seguidos de chuva torrencial retinha o índio Palikur em casa, devorando o último caroço de farinha. Foi justamente nessa situação que tivemos de fazê-los ver a impossibilidade de nós sustentá-los de tudo e que essa não era a meta da Funai. Motivar o índio ao trabalho produtivo, oferecer-lhes a assistência médica indispensável e a educação escolar sem destruir a sua cultura, foi o que pudemos prometer-lhes desde o início. Além de valorizar os o trabalho e os mais esforçados, também nós pessoalmente procuramos dar-lhes o exemplo, transformando uma quase tapera, cercada de mato, insetos e serpentes, em casa humanamente habitável. Como os índios, também nos encontrávamos quase sem dinheiro e com parca alimentação. Enganados, deixamos de trazer alimento abundante de Belém, na esperança de tudo aqui encontrar-se com abundância. Graças ao nosso esforço dispendido, dentro de dois meses já podíamos alimentar-nos com verdura de nossa pequena horta, para admiração de todos os índios. Felizmente com o mês de junho reiniciou a abundância do peixe. O índio se organizou para o trabalho das roças.

O barco "Bom Salvador", construído nessa fase pela Comunidade, com ajuda do Summer, facilitou o transporte de pequena produção de farinha e de exportação do peixe salgado para Cipóque, Clevelândia e S George. Alguns venderam tabuas que guardavam para fechar a própria casa, outros se aproveitaram da penetração do queixada, fazendo bastante salgado da carne desse suíno.

O Palikur não mais parou. Embora ainda indeciso na obediência ao Cacique, no entanto notavam-se frequentemente reuniões com finalidades econômicas. Os convidados se multiplicaram até que se firmou a economia caseira de quase todo Palikur. Renovaram-se muitas casas. Muitas famílias que moravam fóra da Vila vieram construir suas casas aqui.

De nossa parte, acompanhávamos com interesse todo o andamento progressivo da Comunidade, sugerindo novas atividades, levando nosso incentivo e ajuda oportunamente a cada iniciativa por elas engendrada.

Aqui é bom ressaltar que o índio Palikur é muito cioso de sua autonomia. Além do mais não viemos aqui para ser um Super-Cacique, papel certamente odioso à índole palikur. Procuramos ser um representante do Governo. Brasileiro no meio do povo palikur, disposto a empregar todos os meios para defender os valores tribais e acrescentar aos esforços do índio o suplemento necessário, sem o qual a vida tribal se estagnaria. Na medida do possível, além do constante diálogo construtivo e reuniões com os líderes e o povo em geral, procuramos distribuir ferramentas, fornos, pregos, selantes, inseticidas que conseguíamos

MI-FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
2ª DELEGACIA REGIONAL

10

ora por meios próprios, ora por ajuda da Funai e da Prefeitura de Oiapoque ou também de amigos como Dr. João Paulo Botelho.

6. COLABORAÇÃO DO SUMMER

Resumidamente queremos evidenciar as áreas em que o Summer institute Linguistic colaborou com o desenvolvimento do índio Palikur, a partir do período em que assumimos o PI.

I. Radiofonia

Durante seis meses no ano, tínhamos o luxo de uma fonia. Com religiosa atenção e prontidão excepcional o PI foi atendido pelo Summer em suas comunicações com a 2ª DR.

SUMMER

II. Motor da Comunidade

Inicialmente da Comunidade, mais tarde de um grupo, construiu-se o barco-motor "Bom Salvador" por incentivo do Summer. Tem prestado muitos serviços à Comunidade e ao PI.

III. Transporte aéreo e pista

O Summer manteve sempre limpa a pista destinada a aviões de pequeno porte e se prontificou a facilitar passageiros não só para os índios que elas precisassem, como também para os funcionários.

7. COLABORAÇÃO DO TERRITÓRIO

Através do Prefeito de Oiapoque, bastante inclinado à causa indígena, chegaram alguns benefícios para o PI Palikur e outros estão prometidos. São dignos de maior nota:

- aquisição de uma casa para professores do Território.
- nomeação de dois professores
- merenda escolar
- mobral
- integrada
- conjugado destinado a aulas noturnas para adultos
- fornecimento de fios elétricos e demais material da mesma natureza para instalação da luz na rua.

Motivados por esses benefícios e por nosso incentivo, os índios colaboraram na reconstrução da casa da Comunidade e na extração de todos os postes destinados à instalação da luz na rua.

8. A COOPERATIVA

Consciente de que esse tipo de organização é mais de acordo com a índole Comunitária do índio, em nossa primeira reunião com os líderes palikur, colocamos a criação de uma Cooperativa.

A maioria rejeitou a ideia como inoportuna, devido o baixo poder aquisitivo e a pouca produção excedente ao consumo local.

Continuamos, porém, relembrando frequentemente a utilidade de uma Cooperativa, pois nós inquietava sobremodo a carência de gêneros de primeira necessidade na vila e a dificuldade ingente de cada um adquiri-los após longa e perigosa viagem a Oiapoque. Outro risco seria abrir as portas da área indígena a comerciantes aventureiros e exploradores.

A semente lançada por nós medrou quando a Paróquia de Oiapoque ofereceu Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) e a Prefeitura da mesma cidade doou Cr\$ 15.937,00 (quinze mil, novecentos e trinta e sete cruzeiros) como capital inicial. Após acirrada discussão, os índios aceitaram as doações com a condição de que fossem definitivas e não reembolsáveis.

Partiram sem demora para a organização da Cooperativa. A princípio notamos a tendência de colocá-la, como se fez em Kumaruman, quase 90% sob a dependência do CH PI. Firme no propósito de levar o índio no caminho da autonomia e da responsabilidade adulta, nos mantivemos à distância. Apenas levando aquele estímulo e luz indispensável para que não esfriassem os ânimos. Nisto fomos bem sucedido, porquanto após uma série de encontros, os Palikur conseguiram uma / Sede, uma lista de sócios entusiasmados com a ideia, uma sequência de trabalhos para colocarem a Sede em condições de receber mercadoria comercial, com portas, janelas, prateleiras e balcões. Até mesmo uma diretoria nasceu destes encontros, com Presidente, Secretários e Tesoureiros. À medida que eramos solicitado, dávamos nossa colaboração. Por exemplo, na organização e venda da mercadoria, na elaboração dos balancetes. Mais tarde foi preciso fixar algumas normas num mini-estatuto, até que se consiga um definitivo.

Os primeiros estoques foram consumidos com razoável rapidez, revelando para / nossa surpresa o crescimento acelerado do poder aquisitivo do índio.

Um grande estímulo ao trabalho levou todos a produzir muita farinha para trocá-la por mercadorias de consumo e de uso. De janciro até fim de abril a Cooperativa recebeu mais de 6.000 quilos de farinha e vendeu aproximadamente um Cr\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros) de mercadorias. Evitando preços / altos, a Cooperativa pôde oferecer ao índio, sem viagens longas e sem risco toda uma variedade de mercadorias que vieram trazer mais conforto, fartura e saúde. O que achamos mais maravilhoso em tudo isto é que o índio se sente consciente de que a Cooperativa é toda criação sua. Sente-se mais capaz e mais convencido de que a união faz a força. Depois dessa vitória, se tornou mais fácil reuni-los para outros trabalhos.

9. NOSSA TÁTICA DE AÇÃO

Tendo encontrado o índio desmotivado, desconfiado e esperando tudo receber do Governo, partimos para a seguinte linha de ação:

- conhecimento e amizade com todos, sobretudo com os líderes
- diálogo permanente com os líderes
- confiança no índio
- respeito à cultura, à língua
- estímulo às organizações, ao trabalho sobretudo comunitário
- incentivo e respeito à autonomia do índio
- valorização à pessoa do Cacique, sem transformá-lo num privilegiado
- nada dar sem cobrar colaboração, por pequena que seja
- estar sempre atento para, quando necessário, suprir com iniciativas, sugestões, trabalhos e meios que estejam acima das possibilidades do índio.
- conscientizar o índio de seus direitos e deveres.

10. A SAUDE

Tendo encontrado um PI sem qualquer meio de transporte, tinhamos que apelar para o empréstimo de uma canga ao índio em caso de extrema necessidade para percorrer em três dias a distância entre o PI e a cidade / mais próxima, Oiapoque. Trazia-nos algum alívio a lembrança da radiofonia e do avião do Summer, sediado em Belém, para salvar num caso de emergência, o que podia acontecer apenas por seis meses no ano. Felizmente que essa / situação mudou para melhor, graças aos nossos persistentes apelos e à boa vontade da 2ª Da., quando nos enviou um barco a motor em dezembro de 1976. Na mesma oportunidade recebemos também uma geladeira para conservação de vacinas. Apoiados nessa nova situação temos podido salvar vidas, levando-as ao Hospital de Clevelândia e vacinando todos os índios contra tétano, poliomielite, sarampo e tuberculose. Não podemos omitir também a imunização contra a coqueluche e a difteria.

A saúde do índio palikur é regular. Não fosse o caso da malária, da verminose, da diarreia, da anemia, da diabetes, das dores musculares e gripes / bem violentas e frequentes, diríamos que a gente palikur era saudável. Entretanto, sentimo-nos feliz e orgulhoso em afirmar que tudo encontramos muito pior. A causa de nosso êxito foi ter podido convencer em parte ao índio / que a melhor medicina é a preventiva. Não se encontra distante o tempo em que todos compreenderão a necessidade de empregar todos os meios competentes para exterminar a verminose, a anemia e a diarreia. Esperamos em breve ter condições de fornecer ao palikur água pura encanada.

O fornecimento de medicamentos por parte da Funai, da Prefeitura de Oiapoque e de Dr. João Paulo Botelho ajudou muito a debelar os males existentes e alguns pequenos e grande acidentes.

Para se aquilatar o valor de nosso esforço no campo da saúde, apresentamos aqui um quadro comparativo das principais incidências patológicas durante 76, 77, 78 até maio: (média por mês)

	abril de 76-77	abril de 77- 78
Malária	19,4	7,2
Anemia	7	3
Vermínose	18,8	11,3
Gripe	29	18,9
Diarreia	14,4	8,7
Dores musculares	4,4	5,7

Ressaltamos mais uma vez que nosso trabalho não se restringe apenas a distribuir medicamentos, fazer injeções e curativos, mas sobretudo a, através da palavra-díálogo e palavra-exposição em grupo, motivar o índio na busca de melhores condições de saúde.

Não podemos omitir a presteza e boa vontade da equipe médica do Hospital Militar de Clevelândia no atendimento ao índio. Lamentamos que a distância entre o PI e aquele nosocomio, a falta de combustível e de meios para adquirí-los tenham criado sérias dificuldades na solução mais ampla dos problemas de saúde. Somos obrigado a nos restringir aos casos mais urgentes.

11. A EDUCAÇÃO

Encontramos uma professora de nível secundário com especialização pedagógica em Escola Normal. Depositamos muitas esperanças e seu trabalho, na certeza de que a mesma seria competente para elaborar uma educação escolar conveniente, sem omitir os elementos educativos da Cultura indígena, nem os valores pedagógicos da Cultura brasileira.

Sem demora, porém, percebemos a sua falta de criatividade e indisposição para enfrentar uma série de problemas comumente encontrados por quem aventure a lecionar para povo de língua estranha.

De logo, acomodou-se ao indispensável, rebelde a qualquer sugestão, quer por parte do índio, quer po parte da Chefia.

Não fosse a vinda de 2 professores que solicitamos ao Território, ter-se-ia estagnado a Educação Palikur.

Diversos fatores dificultam a Educação. Eis alguns entre muitos:

- 1) A falta de prédio e de material escolar adequados. Até o momento as aulas funcionam no salão da Assembleia.
- 2) A língua. Os Palikur falam língua própria. Têm muito apego a sua língua e pouco interessam em aprender o português.
- 3) A já quase tradicional mudança de professores
- 4) A falta de formação especializada de professores para a área indígena
- 5) O transplante fácil de programas das escolas públicas brasileiras para a área indígena.

Enquanto não se criarem melhores condições de conforto para os professores e não se proceder a uma seleção conveniente dos mesmos, ninguém ficará mais de ano nesta função.

Estamos esperando 2 professoras do Território. Até o momento, 02/05/78, só vêm funcionando as aulas do Nobral, cujo Monitor é o índio Moisés Iaparrá.

O Programa de Saúde do Nobral veio trazer forte motivação para maior limpeza pessoal, do alimento, da bebida e a construção de Sanitários.

Esperamo que ainda durante o ano de 1978 se construa pelo Território um prédio escolar.

Tudo indica que em breve teremos energia elétrica. Então as aulas noturnas reunirão maior número de adultos, em geral ocupados o dia inteiro com serviços. Futuramente pensamos em aproveitar a energia elétrica para introduzir o método audio-visual na Educação, o que de antemão sabemos eficiente, por quanto adequada à conhecida curiosidade visual do índio.

12. PREVISÕES OTIMÍSTAS E ALGUMAS SUGESTÕES

Após dois anos de experiência no meio Palikur, chegamos à conclusão de que o futuro dessa Comunidade depende muito da Agricultura e da Pecuária. Aquela diversificada. Um técnico agrícola, munido de meios adequados para iniciar o índio no plantio do milho, do arroz, do feijão, do café e do cacau libertaria o Palikur da "escravidão" da farinha de mandioca e abriria horizontes novos para a criação da galinha, do porco, etc.

O incentivo ao plantio de capim, já iniciado, daria uma base para a introdução, em grande escala, da criação de gado bovino e buhalino.

O fato de já possuirem oficina de farinha e uma pequena serraria motorizada libera o índio para outros trabalhos lucrativos que virão aumentar o seu poder aquisitivo.

Tão logo funcione a serraria, não mais faltarão tábuas para o acabamento das casas e construção de móveis, necessários à composição e comodidade nas mesmas.

A energia elétrica colocaria à disposição do índio parte da noite para o estudo de adultos, que disporia assim de tempo suficiente para outras atividades durante o dia.

Uma Cooperativa Indígena Central, sediada em Oiapoque, seria um apoio seguro a sua economia. Faria o papel de coletrora de produtos da região e depósito de mercadorias adquiridas diretamente nas fábricas ou nos grandes armazens de Belém ou mesmo de S. Paulo.

Uma casa-albergue, em Oiapoque, acabaria de uma vez para sempre com a situação humilhante a que se sujeita o índio quando precisa de ir àquela cidade.

Cícero da Cruz
CÍCERO DA CRUZ
Aux. Técn. Indigenista
Co. PI Palikur

PI Palikur, 06/05/78